

Religião

e sentido à vida:

Narrativas, histórias, tradições e símbolos

*Marcelo Máximo Purificação
Éverton Nery Carneiro
Valdigleir Borges Prado
(Organizadores)*



Religião

e sentido à vida:

Narrativas, histórias, tradições e símbolos

Marcelo Máximo Purificação
Éverton Nery Carneiro
Valdigleir Borges Prado
(Organizadores)



Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^o Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^o Dr^a Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Prof^o Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Prof^o Dr^a Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Prof^o Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^o Dr^a Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Prof^o Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^o Dr^a Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^o Dr^a Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Prof^o Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^o Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^o Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^o Dr^a Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



Religião e sentido à vida: narrativas histórias, tradições e símbolos

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Yaidy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadores: Marcelo Máximo Purificação
Éverton Nery Carneiro
Valdiglei Borges Prado

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R382 Religião e sentido à vida: narrativas histórias, tradições e símbolos / Organizadores Marcelo Máximo Purificação, Éverton Nery Carneiro, Valdiglei Borges Prado. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-948-3

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.483222102>

1. Religião. I. Purificação, Marcelo Máximo (Organizador). II. Carneiro, Éverton Nery (Organizador). III. Prado, Valdiglei Borges (Organizador). IV. Título.

CDD 200

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br



DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO







Prezado leitor, saudação.

Religião e sentido à vida: narrativas histórias, tradições e símbolos é um e-book elaborado a partir de vários olhares e práticas investigativas que transita pelos eixos das Ciências Humanas e Sociais estabelecendo relações dialógicas com tema como: Teologia, Filosofia, Religiosidade, Espiritualidade, Diálogos, Narrativas, Símbolos (...) e nesse bojo o sentido à vida. Organizado em seis capítulos teóricos onde primeiro deles, propõe ao ouvinte-leitor hodierno um mergulho no mundo narrado, prestando atenção no design narrativo do enredo, na retórica do discurso narrativo, bem como no arco dramático das personagens. O segundo capítulo, busca evidenciar que a vivência da fé na Era Digital se torna um imperativo para reflexão a partir de uma práxis na Pastoral da Comunicação Social – PASCOM. O terceiro capítulo, debate particularmente as interpretações acerca da relação entre Igreja Católica, outras denominações do Cristianismo e religiões não cristãs nos escritos de Joseph Ratzinger sobre o Concílio Vaticano II. O quarto capítulo, visa apresentar a cultura da época e o pensamento dos primeiros cristãos, expor a ideia grega de perfeição e confrontá-la com o pensamento cristão, que via na preocupação excessiva com a forma um paganismo, e compreender por que os cristãos abandonam o modo grego de fazer arte, o que do ponto de vista estético é visto como decadência. O quinto capítulo, analisa a função da linguagem visual do Tarô e seu desenvolvimento desde a Europa medieval até o Brasil contemporâneo, usando da hermenêutica simbólica, com ênfase ao estudo de Gilbert Durand, além de autores relevantes que complementam o pensar simbólico. O sexto capítulo, traz a percepção de que o diálogo que levanta a questão da religião tem abordagem complexa, especialmente quando se concentra nas religiões africanas, dada a recusa da literatura acadêmica e o papel negativo que historicamente moldou a matriz social baseada na desigualdade. À guisa de conclusão, arriscamos dizer que os textos desta obra e seus arranjos, sua interrelação com a religiosidade e com a espiritualidade, nos fazem refletir sobre a importância da religião, como uma fonte antiga e também atual, de sentido à vida.

Isto dito, desejamos a todos, uma boa leitura.

Marcelo Máximo Purificação
Éverton Nery Carneiro
Valdiglei Borges Prado

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A ANÁLISE NARRATIVA E AS PERSONAGENS DA BÍBLIA HEBRAICA	
Petterson Brey	
Francisca Cirlena C. O. Suzuki	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.4832221021	
CAPÍTULO 2	16
DISCIPULADO DE IGUAIS, MULHERES E HOMENS, NA MISSÃO DE JESUS CRISTO EM REDE: COMUNICANDO A FÉ CRISTÃ NA ERA DIGITAL	
Ivenise Teresinha Gonzaga Santinon	
Diego Fernando Moreira	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.4832221022	
CAPÍTULO 3	29
DIÁLOGO ENTRE RELIGIÕES NOS ESCRITOS DE JOSEPH RATZINGER SOBRE O CONCÍLIO VATICANO II	
Danillo Rangell Pinheiro Pereira	
Iraeidson Santos Costa	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.4832221023	
CAPÍTULO 4	45
ARTE PALEOCRISTÃ: INSPIRAÇÃO AOS ARTISTAS SACROS CONTEMPORÂNEOS CLÁUDIO PASTRO E MARKO IVAN RUPNIK	
Wilma Steagall De Tommaso	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.4832221024	
CAPÍTULO 5	54
DO TARÔ EUROPEU MEDIEVAL AO TARÔ NO BRASIL CONTEMPORÂNEO: SIMBOLOGIA ATRAVÉS DA EVOLUÇÃO IMAGÉTICA	
Kelma Amabile Mazziero de Souza	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.4832221025	
CAPÍTULO 6	65
“DESPRECONCEITUOSAMENTE” UMBANDISTA: A RELIGIÃO NA PERSPECTIVA TEÓRICA DE PIERRE SANCHIS E DO DOCUMENTÁRIO “SANTO FORTE” DE EDUARDO COUTINHO	
Marcelo Máximo Purificação	
Elisângela Maura Catarino	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.4832221026	
SOBRE OS ORGANIZADORES	70
ÍNDICE REMISSIVO	72

CAPÍTULO 1

A ANÁLISE NARRATIVA E AS PERSONAGENS DA BÍBLIA HEBRAICA

Data de aceite: 01/02/2022

Petterson Brey

Doutorando e Mestre em Teologia pelo PEPG da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil (PUC-SP); Bolsista CAPES; Bacharel em Teologia pelo Seminário Adventista Latino-americano de Teologia (SALT); Membro do Grupo de Pesquisa: Tradução e Interpretação do Antigo Testamento (TIAT) CNPq da PUC-SP
<http://lattes.cnpq.br/2803712017811113>

Francisca Cirlena C. O. Suzuki

Doutoranda e Mestra em Teologia pelo PEPG da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil (PUC-SP); Bolsista CAPES; Bacharel em Teologia na área de Teologia Cristã pela Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção - PUC-SP. Licenciatura em Letras – Português, Inglês pelo Centro Universitário FIEO. Membro do Grupo de Pesquisa: Tradução e Interpretação do Antigo Testamento (TIAT), CNPq da PUC-SP
<http://lattes.cnpq.br/2299448508401367>

RESUMO: A interpretação das narrativas da Bíblia Hebraica, sob o prisma metodológico dos estudos literários, propõe ao ouvinte-leitor hodierno um mergulho no *mundo narrado*, prestando atenção no *design narrativo* do enredo, na retórica do *discurso narrativo*, bem como no arco dramático das personagens. Propõe-se, portanto, abordar alguns princípios básicos do método da *análise*

narrativa em vista da exegese de textos bíblicos, acolhendo-se o tema da antropologia bíblica,¹ por meio da demonstração de alguns exercícios práticos: (1) a personagem como elemento constitutivo da narrativa; (2) o protagonismo de Séfora, uma personagem aparentemente secundária, como chave de acesso à *unidade temática* da metanarrativa exodal.

PALAVRAS-CHAVE: Análise Narrativa; Bíblia Hebraica; Exegese Bíblica; Narrativa do Êxodo; Séfora.

THE NARRATIVE ANALYSIS AND THE CHARACTERS OF THE HEBREW BIBLE

ABSTRACT: The interpretation of the Hebrew Bible narratives, under the methodological prism of literary studies, proposes to today's listener-reader a dive into the *narrated world*, paying attention to the *narrative design* of the plot, the rhetoric of the *narrative discourse*, as well as the dramatic arc of the characters. It is proposed, therefore, to address some basic principles of the method of *narrative analysis* in view of the exegesis of biblical texts, embracing the theme of biblical anthropology, through the demonstration of some practical exercises: (1) the character as a constitutive element of narrative; (2) the role of Sefhora, an apparently secondary character, as a key to the *thematic unity* of the exodal metanarrative.

KEYWORDS: Narrative Analysis; Hebrew Bible; Biblical Exegesis; Narrative of the Exodus; Sefhora.

1 O presente texto corresponde a um minicurso ministrado pelos autores no I SIMPEB (Simpósio Paulista de Estudos Bíblicos) 2021 – cujo tema central foi Antropologia Bíblica – como fruto da produção acadêmica Grupo de Pesquisa TIAT (Tradução e Interpretação do Antigo Testamento) CNPq da PUC-SP.

1 | INTRODUÇÃO

No âmbito da história da interpretação das Escrituras, inúmeros métodos de aproximação e análise dos textos sagrados surgiram e fizeram sua contribuição para a grande tradição judaico-cristã. De um modo geral, de acordo com William Yarchin (2004, p. xi-xxx), pode-se dar destaque aos grandes períodos históricos em que diversas escolas de interpretação bíblica se desenvolveram: interpretação judaica pré-rabínica (150 a.C. – 70 d.C.); interpretação patrística e seu legado (150 – 1.500 d.C.); interpretação rabínica e seu legado (150 – 1500 d.C.); interpretação moderna (1500 – presente); interpretação moderna recente (1970 – presente). Assim como o período escolástico, realçado por Tomás de Aquino, e a tradição interpretativa judaica clássica, ao matizar-se Rashi, desenvolveram-se concomitantemente. No presente, em pleno desenvolvimento, se tem as metodologias exegéticas provenientes do período pós-reforma protestante, destacando-se os *métodos histórico-críticos*, ditos *diacrônicos*, e as abordagens *sincrônicas* desempenhadas, sobretudo, pelos estudos literários dos textos bíblicos, com realce à *análise narrativa*.

Desde meados do século XX, por conseguinte, tem-se observado um crescente interesse por leituras *canônicas* dos textos bíblicos (ROGERSON, 2010, p. 10-22). Já nos anos 40, por exemplo, Umberto Cassuto (2014, p. 6-17, 117-126), ao analisar os critérios metodológicos da *hipótese documentária*, considera as limitações exegéticas existentes em virtude da impossibilidade de verificação empírico-histórica, e sugere que os estudos literários podem atribuir sentidos inéditos a problemas textuais insolúveis ao olhar *diacrônico* dos métodos *histórico-críticos*. Assim, o convite de Northrop Frye (2000, p. 172-173) para que se transcenda a denominada *alta crítica* da Bíblia, que busca reconhecer nos textos bíblicos suas *unidades autorais* (WELLHAUSEN, 2004, p. 10-33), desafia o ouvinte-leitor das Escrituras a rastrear as suas *unidades temáticas*.

Antes que se indague acerca de qual abordagem, quer seja *diacrônica* quer seja *sincrônica*, entretanto, é a mais adequada para o melhor acesso ao conteúdo temático-teológico pretendido pelos escritores bíblicos, faz-se necessário distinguir tais vertentes metodológicas em vista de seus propósitos constituintes. Isto é, quais tipos de perguntas e a quais categorias de resultado cada uma delas está preocupada, respectivamente, em responder e apresentar? Estudos diacrônicos, via de regra, dirigem sua atenção às fontes de redação textual, visando identificar a origem das nuances literárias evidenciadas nas supostas rupturas presentes no texto bíblico (SIMIAN-YOFRE, 2009, p. 77-118). Por outro lado, os estudos sincrônicos querem explorar o potencial artístico-literário do texto, evidenciado nas suas estratégias de composição e no tipo de olhar que emana da apresentação do mundo narrado (SKA, 2009, p. 139-145), bem como, perscrutar a resposta que se dá para a pergunta: “como é que o autor comunica sua mensagem ao leitor?”, pois, quer descobrir qual é o efeito da narrativa no ouvinte-leitor, ou seja, “como o texto os faz cooperar no deciframento do sentido” (MARGUERAT; BOURQUIN, 2009, p. 5-15;

TOMPKINS, 1980, p. xxv).

Dessa forma, é razoável que se diga que a escolha por uma ou por outra estratégia metodológica não se refere ao julgamento a respeito de qual delas é superior, ou que a opção por uma invalida os métodos da outra. Pelo contrário, como assevera Félix Garcia López (2016, p. 71-75), ferramentas de natureza diacrônica podem ser muito bem-vindas como suporte investigativo no âmbito dos estudos sincrônicos, como, por exemplo, é o caso dos dados arqueológicos que elucidam as dimensões históricas dos elementos temáticos constituintes das narrativas bíblicas. De acordo com Garcia López existem quatro pontos principais de convergência metodológica no que se refere ao estudo exegético do Pentateuco:

1°. *Centralidade do texto.* A Bíblia convida a ler o texto tal como ele está, sem ideias preconcebidas e sem mutilações. Somente o texto final, com toda sua pureza e integridade, pode garantir ao estudioso um ponto de partida sólido e confiável. Os passos sucessivos deverão conduzir a uma melhor compreensão deste texto e se valorizará positivamente na medida em que o desejarem. Está claro que, por maior rigor com que se aplique um método, se não conduz ao esclarecimento do texto, para nada serve.

2°. *Integração.* Se quisermos dar uma resposta adequada aos principais problemas suscitados pelo Pentateuco, convém unir forças. Na medida do possível, deve-se investigar as análises históricas e literárias, os estudos sincrônicos e os diacrônicos, buscar o que tem de complementar. Nos últimos anos, aumentou o número de exegetas da linha histórico-crítica que concordam que os estudos literários podem ajudar a fertilizar o campo bíblico. Assim mesmo, entre os defensores dos estudos literários, há aqueles que começaram a sentir a necessidade de se abrir a uma dimensão histórica para resolver certos problemas apresentados pelo texto.

3°. *Uma leitura teológica.* A polarização dos métodos históricos ou literários levou a tratar o Pentateuco como um livro de história ou como uma obra literária, deixando relegado o seu componente religioso. O Pentateuco é o resultado, não somente de uma composição literária ou de um suceder histórico, mas também de um processo espiritual e canônico. Consequentemente, uma leitura integral está pedindo que se valorize sua mensagem teológica. Além de uma dimensão histórica e estética, a palavra bíblica tem uma dimensão religiosa e ética. Mas uma leitura teológica que se aprecie deverá apoiar-se sobre pilares literários e históricos.

4°. *Questões abertas.* Seria ilusório pretender conciliar todas as questões que neste momento a exegese tem colocado sobre o Pentateuco. Algumas são muito discutidas e terá que passar muito tempo antes de serem equacionadas. Não convém nos iludir e nem as apresentar como resolvidas. O correto seria considerá-las abertas e apresentá-las da forma em que se encontram (GARCIA LÓPEZ, 2016, p. 74-75).

O que se deve levar em consideração, portanto, como norte da premissa exegética, é qual tipo de pergunta se deve fazer diante do objeto de estudo selecionado. Ao contrário dos estudos *histórico-críticos*, que partem do texto em busca do seu possível ambiente histórico de composição, a *análise narrativa* tem como objeto de estudo o produto da composição final e canônica do texto (FEWELL, 2016, p. 3). A legitimidade dessa opção metodológica, como bem aduz Northrop Frye, encontra-se no reconhecimento de que “a

Bíblia pode até ser outras coisas mais do que uma obra literária, mas sem dúvida é também uma obra literária” (FRYE, 1994, p. 97).

Destarte, é bastante plausível que se empreendam estudos que investiguem com profundidade os elementos literários constituintes das narrativas bíblicas, bem como os vestígios retóricos deixados por aqueles que foram responsáveis pelas edições finais do texto, disponíveis ao ouvinte-leitor hodierno. Porquanto, literariamente falando, de acordo com Northrop Frye (2002, p. xi-xxiii), a pungência dos enredos bíblicos se faz não apenas notar, mas fornecer o *background* ideológico que norteia toda literatura ocidental, moldando o pensamento civilizatório da humanidade. Assim sendo, como assevera Matthias Grenzer (2017, p. 14), o diálogo com as vozes do passado pode elucidar questões que se apresentam ao ser humano de todos os tempos. A *análise narrativa*, portanto, pode ser capaz de aproximar o mundo narrado à perspectiva do mundo do ouvinte-leitor.

2 | A ANÁLISE NARRATIVA COMO METODOLOGIA DE EXEGESE BÍBLICA

Estudos literários da Bíblia Hebraica, de acordo com Northrop Frye (2000, p. 172-173), desafiam o exegeta a rastrear a *unidade temática* ao invés da *unidade autoral*, principal objetivo dos estudos *diacrônicos*, por meio de uma leitura *sincrônica*. Tal empresa, por conseguinte, conforme assevera Meir Sternberg (1987, p. 41), em razão de sua multifuncionalidade, requer do intérprete bíblico o domínio de um discurso complexo que surge do plexo de elementos historiográficos, ideológicos e estéticos. Destarte, a investigação literária das narrativas bíblicas, segundo Erich Auerbach (2003, p. 3-23), perpassa a configuração gramatical do texto, vertida em suas conexões sintáticas, bem como o ajuste da compreensão do campo semântico dos termos e expressões utilizados ao arranjo pragmático do *discurso narrativo*.

A configuração estética do texto, portanto, como assevera Adele Berlin (2005, p. 13-21), constitui-se, juntamente com o estudo semântico das palavras, como um dos passos mais importantes do processo exegético da Bíblia Hebraica. Dessa maneira, no âmbito das narrativas bíblicas, a mensagem é, por assim dizer, a forma como ela é comunicada, pois a configuração estética de um ato comunicativo não é periférica ao conteúdo em si daquilo que se diz (BERLIN, 2004, p. 2184-2191). Isso, portanto, requer daqueles que se propõem a analisar as dimensões literárias dos textos bíblicos, um certo controle interpretativo acerca dos diversos estratos constituintes dessa literatura tão peculiar.

Em cada narrativa, é possível discernir três estratos: 1. o estrato da linguagem – as palavras e frases de que a narrativa é composta; 2. o estrato do que é representado por essas palavras, ou seja, o ‘mundo’ descrito na narrativa: as personagens, eventos e cenários; 3. o estrato de significados, ou seja, os conceitos, visões e valores incorporados na narrativa, que são expressos principalmente por meio da fala e das ações das personagens, seu destino e o curso geral dos acontecimentos. Cada um dos dois últimos estratos é baseado e determinado pelo anterior. O primeiro estrato é o mais básico, as palavras

constituem a matéria-prima da qual a narrativa é feita. O segundo estrato evolui do primeiro e é o que mais chama a atenção do leitor, compreendendo a história da narrativa, as personagens, seus traços e aventuras. O terceiro estrato decorre do segundo e é o mais abstrato; a interpretação é necessária para desvendar as ideias e significados, que geralmente não são expressos direta e abertamente (BAR-EFRAT, 2008, p. 197).

A *análise narrativa*, portanto, tenciona abeirar-se ao texto bíblico acatando sua personalidade literária, sendo observados todos os detalhes que pertencem a essa categoria textual. Assim, ganham notoriedade o enredo, com suas expectativas e seus conflitos, bem como as personagens – protagonistas, coadjuvantes e figurantes –, que se desenvolvem ao longo da trama com seus episódios e cenas, vividos em diversos cenários. Ainda, no que tange aos indivíduos, cujas vidas são narradas, observa-se o desenvolvimento de seu arco narrativo – evidenciado em suas trajetórias, que são descritas em ações e discursos – em busca de se compreender do que se trata a narração como um todo (BERLIN, 1994, p. 23-42). Afinal, nessas narrativas, o elemento principal são as vidas humanas ali retratadas, com seus dramas, dúvidas e sonhos.

O enredo, num sentido mais básico, corresponde ao fundamento que constitui a narrativa (MARGUERAT; BOURQUIN, 2009, p. 55-81), pois é o desenvolvimento dele que demarca os vários estágios de uma história, todos os outros elementos contribuem para que o avanço aconteça (BAR-EFRAT, 2008, p. 93-95). Via de regra, uma situação inicial é exposta com expectativas bem definidas. Na sequência, entretanto, algum conflito gera uma frustração dessa expectativa, desencadeando assim um nó narrativo que, por sua vez, requer uma ação transformadora que lhe garanta um desenlace capaz de subverter o revés inesperado, e, por fim, em vista da expectativa inicial, obter-se êxito. Quanto menos previsível forem as etapas desse processo, mais requintada será a história.

Dessa forma, as feições literárias da trama representam a arena narrativa através da qual os valores constituintes do texto efluem para serem retratados nas ações e dilemas das personagens (BAR-EFRAT, 2008, p. 47-48). Portanto, a apresentação do arco narrativo de cada personagem dentro do enredo, caracterizado pela jornada vivida por elas no âmbito de cada evento narrado, exprime as ideias que norteiam a *unidade temática* da narrativa. Destarte, o estudo da caracterização de qualquer personagem retratada nas narrativas bíblicas é, ao mesmo tempo, uma investigação a respeito dos significados da própria trama.

Os retratos das personagens bíblicas são obtidos por meio de uma série de técnicas de caracterização. Em geral, são algumas técnicas encontradas em narrativas não bíblicas. O leitor reconstrói uma personagem a partir das informações fornecidas a ele no discurso: ele é contado pelos depoimentos e avaliações do narrador e de outras personagens, e ele infere a partir da fala e da ação da própria personagem (BERLIN, 2005, p. 33-34).

Apresenta-se, doravante, um estudo empírico capaz de demonstrar a pungência literária que emana das narrativas da Bíblia Hebraica no que tange ao emprego da *análise*

narrativa aplicada ao estudo de personagens. Delimitar-se-á ao contexto da metanarrativa exodal, que é, por sua vez, a arena dramática a partir da qual se estabelece o ponto de vista temático de todo o Pentateuco (SAILHAMER, 1992, p. 33-59; YAMASAKI, 2007, p. 152-153) e, quiçá, de toda a Bíblia (KNIGHT; LEVINE, 2011, p. 13-17). Dessa forma, assumindo que os significados que efluem das narrativas mosaicas se apresentam na forma que as suas estruturas temáticas são construídas (SAILHAMER, 2009, p. 607-610), averiguar-se-á na apresentação da personagem Séfora os vestígios retóricos que configuram o *discurso narrativo* da trama em questão.

3 | A PERSONAGEM COMO ELEMENTO CONSTITUTIVO DA NARRATIVA

Uma metáfora muito interessante para mostrar a importância das personagens em narrativas, faz Daniel Marguerat. Ele usa em uma comparação a imagem de um guarda-chuva com seu esqueleto aparente e a mesma imagem revestida com um belo pano colorido, ou não tão colorido. Quando se olha para um guarda-chuva não se vê primeiramente sua estrutura interna, mas seu exterior, o tecido que cobre a estrutura. Então, uma narrativa tem esqueleto e pano, tem enredo e personagens. A estrutura que sustenta uma narrativa, ou seja, o enredo somado às personagens, dá vida e movimento aos acontecimentos em tempo e espaço. Portanto, num primeiro olhar para a narrativa não se enxerga seu esqueleto, mas o pano, isto é, as personagens. E em uma dimensão mais manifesta as personagens vestem a narrativa e lhe dá aparência e cor (MARGUERAT; BOURQUIN, 2009, p. 83).

Nas narrativas, as personagens são arquitetadas pelo narrador e vivem situações, nas quais assumem comportamentos e sentimentos da vida real. Compreender os diversos tipos de personagens criadas pela literatura ajuda, pelo menos em tese, a entender traços de personalidades no mundo real ou vice-versa. A análise das personagens em um enredo tem o intuito de observar as ações ou mesmo a ausência de ações das personagens.

Estudos de personagens literárias revelam perfis comportamentais por meio de observações de suas relações de cunho cultural, social, intelectual, moral e até mesmo espiritual. Entretanto, analisar personagens nas narrativas bíblicas torna-se tarefa dura, pois, a caracterização produzida pelo narrador no texto bíblico é nebulosa e cheia de lacunas, o que dificulta a visualização e/ou imaginação do ouvinte-leitor. O estudioso Robert Alter pergunta: “Como a Bíblia consegue evocar tamanha sensação de profundidade e complexidade na representação de personagens com o que pareceria ser tão escasso, mesmo rudimentar?” e responde:

A narrativa bíblica nos oferece, afinal, nada no caminho da análise minuciosa da motivação ou da representação detalhada do processo mental; qualquer indicação que nos possa ser dada sobre sentimentos, atitude ou intenção é mínima, mesmo sobre a aparência física nos é dada pouca informação e de forma indireta (ALTER, 2011, p. 202).

A caracterização da personagem Séfora, exemplifica bem a afirmação de Alter. Pois, não há caracterização direta da esposa de Moisés. A descrição direta daria conta de descrever sua aparência ou sua personalidade. No entanto, conhece-se Séfora, tão somente por meio de suas ações. Quadro a quadro, a continuidade narrativa da vida de Séfora acontece através da exposição dos papéis que ela assume no enredo. A esposa do grande profeta Moisés (Dt 34,10) ocupa, apenas, vinte e um versículos no livro do Êxodo (Ex 2,15c-22; 4,18-20.24-26; 18,1-7) dentro dos “5.845 versículos” (SKA, 2003, p. 31) da obra do Pentateuco.

Para descrever a complexidade de uma personagem, a Bíblia, como outras literaturas tradicionais, usa técnicas de “flashes”. Em vez de apresentar uma longa evolução como um processo contínuo, ou tendências com conflitos simultâneos, a Bíblia apresenta momentos curtos, mas decisivos desses processos. Ou, ainda, justapõe as tendências conflitivas em diferentes e distintos quadros seguidos um após outro. Para usar uma imagem, os narradores Bíblicos trabalham mais frequentemente com “slides” do que com filmes (SKA. 2000, p. 85).

De uma maneira ou de outra as histórias das personagens são desveladas ao longo da narrativa, pois, a “análise narrativa tem, como primeira finalidade, penetrar no mundo do relato” (SKA, 2009, p.157). E, a olhos vistos, as personagens são agentes capazes de conduzir o ouvinte-leitor ao entendimento da trama e levá-lo a fazer grandes descobertas. Pois, “embora seja verdade que um texto pode conter existentes sem acontecimentos (um retrato, um ensaio descritivo), ninguém pensaria em lhe dar o nome de narrativa” (CHATMAN, 1978, p. 113).

4 | A PERSONAGEM SÉFORA NA VIDA DE MOISÉS

Séfora, conhecida, superficialmente, como esposa de Moisés, tem seu nome mencionado apenas três vezes no livro do Êxodo (Ex 2,21; 4,25; 18,2). E, no terceiro trecho narrativo que Séfora figura, ela é citada, simplesmente, como mulher de Moisés (Ex 4,20). Em hebraico, o nome Séfora é pronunciado como *Zipporah* (צִפּוֹרָה). Aparentemente, seu significado nasce do substantivo *pássaro* (צִפּוֹר).

4.1 Séfora em Ex 2,15c-22

Apresentar-se-á esse trecho subdividido em cinco partes que, por sua vez, retratam a personagem na perspectiva de cinco características distintas: primeiramente como *filha de sacerdote e irmã*, em seguida como *pastora agredida*, depois como *mulher salva e liberta* por um homem atento e leal, na sequência como *mulher acolhedora* e, por fim, como *esposa e mãe*.

4.1.1 *Filha de sacerdote e irmã*

v.16a *Ora, vieram as sete filhas do sacerdote de Madiã.*

- v.16b *Tiraram água*
v.16c *e encheram os bebedouros,*
v.16d *a fim de fazer beber o gado menor do pai delas.*

Séfora e suas irmãs, filhas do sacerdote de Madiã, faziam o trabalho de pastoras, possivelmente, num dia qualquer, como tantos outros. Chegaram junto ao poço, encheram suas vasilhas e queriam dar água ao gado menor de seu pai, porém foram expulsas por outros pastores que ali estavam. De fato, até Ex 2,16 ainda não se tem nenhuma informação específica sobre Séfora. Pois, o narrador dá as primeiras informações para que a narrativa se desenvolva. As mulheres estão junto ao poço em Madiã. Interessante, a palavra poço (**בְּאֵר**) está escrita no texto hebraico prefixada com o artigo definido. Esse detalhe leva o ouvinte-leitor a perceber a importância do lugar, ou seja, não é um poço qualquer, é o poço onde algo de grande relevância irá acontecer.

4.1.2 Séfora, pastora agredida

- v.17a *No entanto, vieram os pastores*
v.17b *e as expulsaram.*

Mulher e pastora. O pastoreio é trabalho duro. Além do esforço físico exigido, havia também o ambiente hostil criado pelos pastores homens, que por julgarem-se mais fortes, achavam-se no direito de tirar os mais frágeis de sua frente, nesse caso, as mulheres pastoras. Essas que são irmãs e são as filhas de Raguel, o sacerdote de Madiã.

4.1.3 Séfora é mulher salva e liberta por um homem atento e leal

- v.17c *Então Moisés se ergueu,*
v.17d *as salvou*
v.17e *e fez seu gado menor beber.*

O texto narra a ação de Moisés em defesa das sete mulheres. Moisés que havia chegado à Madiã, fugido do Egito, observa a cena, se levanta e intervém, defende as moças da ameaça dos pastores abusadores e dá de beber ao rebanho delas. O pai das moças quis saber quem era esse homem. Elas responderam:

- v.19b *Um egípcio nos libertou da mão dos pastores.*
v.19c *Também tirou água para nós*
v.19d *e fez o gado menor beber!*

Moisés possuía um instinto de defensor dos oprimidos. Ele ajuda, é gentil, protetor, defende as moças em situação de risco. De fato, reage diante de uma situação de injustiça. É uma “reação corajosa” e “favorável ao oprimido”. São ações individuais que revelam sua personalidade, a identidade de um líder que futuramente irá libertar o povo israelita

oprimido pelo Faraó do Egito (GRENZER, 2015, p. 75-89). Moisés tem algo em si que o move para a defesa de um oprimido injustiçado. Com isso, conquista o coração do pai das sete filhas.

4.1.4 *Séfora é mulher acolhedora*

- v.20b *Onde está ele?*
- v.20c *Por que isso?*
- v.20d *Abandonastes o homem?*
- v.20e *Chamai-o,*
- v.20f *para que coma pão!*

O narrador faz a cena ganhar movimento com a introdução de um diálogo entre pai e filhas. Raguél fica sabendo do atentado, pelo qual as filhas passaram e que teve um homem destemido que as protegeu. O fato foi contado pelas próprias filhas, as quais compõe a cena como personagem coletiva. (v.19). O gesto de Moisés para com as filhas do sacerdote, junto ao poço em Madiã, ao chegar aos ouvidos do madianita, o faz querer conhecer esse homem. Afinal, trata-se de um benfeitor.

4.1.5 *Séfora, esposa e mãe*

- v.21a *Moisés decidiu morar com o homem,*
- v.21b *o qual deu sua filha Séfora a Moisés.*
- v.22a *E ela deu um filho à luz.*
- v.22b *Chamou-o de Gérson,*

Como visto, as personagens estão, sempre, em relação umas com as outras. As que figuram na micronarrativa de Ex 2,15c-22 são: *Moisés* (v. 15.17.21), o *egípcio* (v. 19), *homem* (v. 20) e *imigrante* (v. 22). O *sacerdote* de Madiã (v.16), chamado de *Raguél* (v. 18), *pai* de sete filhas (v.16.18) e *homem* (v. 21). Este tem uma atuação de forte posição, é coadjuvante de Moisés (GRENZER, 2015, p. 75-89). As *sete filhas* (v. 16.20) compõe uma personagem coletiva. E, a *filha Séfora* (v. 21), a qual se liberta da coletividade e deixa de ser mais uma entre as irmãs. Ela ganha nome, é dada em casamento e dá à luz um *filho*, *Gerson* (v. 22).

Em suma, nesse primeiro momento, Séfora faz parte de uma personagem coletiva, muito próxima ao que se configura como personagem figurante (BAR-EFRAT, 2008, p. 77). O narrador constrói uma cena junto ao poço em Madiã na chegada de Moisés, fugitivo do Egito, e Séfora está lá. Ela é uma pastora que junto às suas seis irmãs cuida do rebanho do pai. A personagem ganha traços individuais, de esposa e mãe, muito possivelmente, de dona de casa. Essa passagem de personagem coletiva para individual a faz ganhar o

status de personagem com presença no enredo. Talvez, ainda, com pequena intensidade, podendo ser declarada uma personagem plana de um traço só, com pouca profundidade psicológica, que está em desenvolvimento e até então sua existência está para que exista uma família a Moisés.

4.2 Séfora acompanha Moisés (Ex 4,18-20)

- v.18a *Moisés foi*
- v.18b *e voltou para Jetro, seu sogro.*
- v.18c *Disse-lhe:*
- v.18d *Quero ir, por favor,*
- v.18e *e voltar a meus irmãos,*
- v.18f *que estão no Egito.*
- v.18g *Verei*
- v.18h *se eles ainda estão vivos.*
- v.18i *Jetro disse a Moisés:*
- v.18j *Vai em paz!*
- v.19a *E o SENHOR disse a Moisés em Madiã:*
- v.19b *Vai!*
- v.19c *volta para o Egito,*
- v.19d *porque morreram todos os homens*
- v.19e *que estavam procurando por tua alma!*
- v.20a *Moisés, então, tomou sua mulher e seus filhos,*
- v.20b *os fez montar o jumento*
- v.20c *e voltou rumo à terra do Egito.*
- v.20d *E Moisés tomou o cajado de Deus em sua mão.*

Na segunda cena com participação de Séfora, após o chamado de Moisés por parte do SENHOR, Deus de Israel (Ex 3,1–4,17), e da conversa com seu sogro, Jetro, Moisés organiza sua volta ao Egito. Nesse momento, Séfora e seus filhos acompanham Moisés na viagem, montados num jumento (Ex 4,18-20).

Essa saída de Moisés das terras de Madiã rumo ao Egito é um momento importante para Moisés. Por isso, apesar do perigo iminente, Moisés recebe o envio de seu sogro, Jetro. Afinal, o itinerário pode tornar-se perigoso. No entanto, Moisés leva consigo elementos que o encoraja, pois, "...ao voltar arriscadamente para o Egito, Moisés conta com a companhia de *sua mulher e seus filhos* (v. 20a). Em especial, Séfora, sua mulher, se revelará decisiva

na relação entre o SENHOR e Moisés (Ex 4,24-26). Ou seja, justamente a convivência física, psicológica e religiosa ajudará na sobrevivência” (GRENZER; SUZUKI, 2016, p. 159-178) de Moisés, na próxima cena.

4.3 Séfora salva (Ex 4,24-26)

- v.24a *No caminho, num lugar de pernoite,*
- v.24b *o SENHOR foi ao encontro dele*
- v.24c *e procurou fazê-lo morrer.*
- v.25a *Séfora, porém, tomou uma faca de sílex*
- v.25b *e cortou o prepúcio de seu filho.*
- v.25c *Tocou os pés dele*
- v.25d *e disse:*
- v.25e *De fato, tu és um noivo de sangue para mim!*
- v.26a *E [ele] o largou.*
- v.26b *Disse, pois, “noivo de sangue” por causa das circuncisões.*

A figura de Moisés parece estar, com frequência, sob a proteção feminina. Visto que, encontrou mulheres capazes de zelar por sua vida desde o nascimento. Nesse sentido, podem ser lembradas, *Jocabed*, sua mãe, *Miriam*, sua irmã, bem como, as *parteiros das hebreias* e a *filha do faraó* (Ex 1,15-22) (VILLAS BOAS; GRENZER, 2015, p. 129-152; GRENZER; BARROS, 2016, p. 282-299). Já adulto, Moisés continua a contar com a ajuda das mulheres, especialmente, nos momentos mais delicados e perigosos de sua vida. É, justamente, *Séfora* que agora assume importante posição.

À primeira vista, a personagem Séfora pertence aos bastidores, fazendo pano-de-fundo (Ex 2,15c-22). Supreendentemente, as coisas se invertem. Como já visto, *Séfora* não ocupa grande espaço dentro da macronarrativa do êxodo. No entanto, sua presença pontual é marcante, tanto literária como teologicamente. Para as tradições bíblicas, ela parece fazer parte dos planos de Deus, pois, no caminho ao Egito, Séfora, ao insistir no rito marcado pelo sangue e no relacionamento com seu noivo, será a “mulher proativa que livra” Moisés “da morte” (Ex 4,24-26) (FERNANDES, 2015, p. 59-84). É uma mulher capaz de agir com rapidez e salvar seu companheiro da morte. Ou seja, a sobrevivência de Moisés e, conseqüentemente, a liderança exercida por ele no decorrer do êxodo se encontram, fundamentalmente, vinculadas à sua convivência com sua mulher.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enfim, Séfora é uma das filhas do sacerdote de Madiã, irmã de seis mulheres, ela é de família nobre e respeitada do lugar. A moça tem profissão. Séfora é pastora e isso a

faz passar por dificuldades. É mulher agredida no exercício de suas tarefas. É discriminada e sofre, injustamente, opressão por parte dos pastores homens e rudes. É atingida com violência por pastores junto ao poço em Madiã (Ex 2,15c-22).

Seu pai, o sacerdote de Madiã acolhe o imigrante, defensor de suas filhas. Séfora, a madianita, é filha dócil, obediente e trabalhadora. Casa-se com Moisés um libertador e lhe dá dois filhos. Como esposa leal o acompanha, iniciando o caminho rumo ao Egito (Ex 4,18-20).

Na jornada, enfrentam uma situação incrivelmente obscura. Séfora, surpreendentemente, realiza uma ação salvífica. Como mulher corajosa e fiel, ela foi responsável por salvar aquele que se tornou o líder do povo hebreu (Ex 4,24-26). Séfora foi instrumento para fazer acontecer o plano de Deus, salvou o grande profeta, o qual recebeu a missão de libertar o povo oprimido da escravidão do Egito. Conscientemente ou não, Séfora conhecia os planos de Deus e fez o que tinha de ser feito, ou seja, Séfora fez a vontade de Deus, contribuiu para que o plano de salvação do SENHOR Deus tivesse continuidade, com sua participação de pessoa humana.

Arrematando, as personagens são responsáveis por fazer o enredo ganhar vida e comunicar-se com o ouvinte-leitor ao ponto de estabelecer quase que um relacionamento. Pois, quem as lê ou ouve pode identificar-se com seu caráter, seu sistema de valores ou, então, pode repudiá-los a depender de sua caracterização. O narrador ao compor a caracterização da personagem de forma direta ou indireta não a engessa. A caracterização pode tornar-se flexível, não estática e desenvolver-se ao longo da narrativa, com isso, traz mudanças de comportamento a essa ou aquela personagem.

Em Ex 2,19 a voz de Séfora faz coro com suas irmãs. Já em Ex 4,25 ela ganha um discurso direto quando diz “tu és um noivo de sangue para mim”. Então, Séfora ora atua como personagem plana, ora quase uma figurante e em determinado momento é uma grande protagonista, a desempenhar um papel de verdadeira heroína na defesa de seu noivo de sangue.

Percebe-se, portanto, a partir do emprego das ferramentas da *análise narrativa*, que a representação de uma personagem está retoricamente vinculada ao *discurso narrativo* da trama que permeia o mundo narrado. A forma como Séfora é apresentada, do quase anonimato ao protagonismo, em pequenas porções dramáticas ao longo do enredo, não deve ser reputada como fragmentos de uma história perdida enxertados no texto canônico, mas como uma estratégia artisticamente planejada em vista da *unidade temática* da narrativa. A presença da mulher de Moisés é representada, nas páginas do Pentateuco, como um elemento dinâmico viabilizador dos propósitos do protagonista em face do antagonismo proveniente de circunstâncias e ações conflitivas em relação ao tema do caráter do Libertador dos oprimidos.

Séfora, assim como o próprio povo hebreu, é encontrada em uma condição de opressão, da qual não possui forças para se livrar sozinha. Após a intervenção de um

libertador, ela é convidada a ter uma íntima relação com ele e, enfim, protagonizar, por meio de seu comportamento diante do perigo e da opressão/injustiça, ações de libertação que representem o caráter do grande protagonista Libertador dos hebreus, a saber, o SENHOR, Deus de Israel. É bastante razoável, portanto, inferir que essa dinâmica represente o movimento temático subjacente a toda a trama exodal: os libertados são chamados a relacionar-se com seu libertador e, por conseguinte, representar seu caráter por meio de um protagonismo salvífico.

REFERÊNCIAS

ALTER, Robert. **The art of Biblical narrative**. New York: Basic Books, 2011.

ALTER, Robert. **The Art of Biblical Translation**. New Jersey, USA. Princeton University Press. 2019.

AUERBACH, Erich. **Mimesis: The Representation of Reality in Western Literature**. New Jersey: Princeton University Press, 2003.

BAR-EFRAT, Shimon. **Narrative Art in the Bible**. New York: T&T Clark, 2008.

BERLIN, Adele. **Poetics and Interpretation of Biblical Narrative**. Winona Lake: Eisenbrauns, 1994.

BERLIN, Adele. *Reading Biblical Poetry*. In: BERLIN, Adele; BRETTLER, M. Z. (Eds.). **The Jewish Study Bible**. New York: Oxford University Press, 2004, p. 2184-2191.

BERLIN, Adele. **Poetics and Interpretation of Biblical Narrative**. Winona Lake: Eisenbrauns, 2005.

CASSUTO, Umberto. **The Documentary Hypothesis and the composition of the Pentateuch**. Jerusalem: Shalem Press, 2014.

CHATMAN, Seymour. **Story and discourse: narrative structure in fiction and film**. Ithaca: Cornell University, 1978.

FERNANDES, Leonardo A. *Séfora: a mulher proativa que livra o homem da morte (Ex 4,24-26)*. **Revista de Cultura Teológica**, São Paulo, v.86, 2015: 59-84.

FEWELL, Danna N. *The Work of Biblical Narrative*. In: FEWELL, Danna N. (Ed.). **The Oxford Handbook of Biblical Narrative**. New York: Oxford University Press, 2016, p. 3-26.

FREITAS, Barros; GRENZER Matthias. *O canto de Miriam (Ex 15,20-21)*. **Revista de Cultura Teológica**, São Paulo, v.87, 2016: 282-299.

FRYE, Northrop. **The Educated Imagination**. Bloomington: Indiana University Press, 1994.

FRYE, Northrop. **Anatomy of Criticism: four essays**. New Jersey: Princeton University Press, 2000.

FRYE, Northrop. **The Great Code: The Bible and Literature**. New York: Mariner Books, 2002.

GARCIA LÓPEZ, Félix. **Pentateuco**: introducción a la lectura de los cinco primeros libros de la Biblia. Estella (Navarra): Editorial Verbo Divino, 2016.

GRENZER, Matthias. *Imigrante em Madiã (Ex 2,15c-22): Traços característicos do personagem Moisés*. **Atualidade Teológica**, Rio de Janeiro, v.49, 2015: 75-89.

GRENZER, Matthias; BARROS, Paulo F. *O canto de Miriam (Ex 15,20-21)*. In: **Revista de Cultura Teológica**. São Paulo, v.87, p. 282-299, 2016.

GRENZER, Matthias; SUZUKI, Francisca C. *Voltar, com a família, à sociedade em conflito (Ex 4,18-20)*. **Didaskalia**, Lisboa, v. 46, 2016: 159-178.

GRENZER, Matthias. *A proposta ímpar do amor ao imigrante (Lv 19,33-34)*. In: MOREIRA, Alberto da S. (Org.). **Religião, migração e mobilidade humana**. Goiânia: Editora da PUC Goiás, 2017, p. 13-30.

KNIGHT, Douglas A.; LEVINE, Amy-Jill. **The Meaning of the Bible**: What the Jewish Scriptures and Christian Old Testament can teach us. New York: HarperCollins Publishers, 2011.

MARQUERAT, Daniel; BOURQUIN, Yvan. **Pour Lire les Récits Bibliques**: initiation à l'analyse narrative. Paris: Les Éditions Du CERF; Genève: Labor Et Fides, 2009.

ROGERSON, John W. *Old Testament*. In: ROGERSON, John W.; LIEU Judith M. (Eds.). **The Oxford Handbook of Biblical Studies**. New York: Oxford University Press, 2010, p. 5-26.

SAILHAMER, John H. **The Pentateuch as Narrative**: a biblical-theological commentary. (Library of Biblical Interpretation). Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1992.

SAILHAMER, John H. **The Meaning of the Pentateuch**: Revelation, Composition and Interpretation. Downers Grove: IVP Academic, 2009.

SIMIAN-YAOFRE, Horacio. *Diacronia: I Metodi Storico-Critici*. In: SIMIAN-YAOFRE, Horacio. (Ed.). **Metodologia Dell'Antico Testamento**. (Studi Biblici – 25). Bologna: Edizione Dehoniane Bologna, 2009, p. 79-119.

SKA, Jean L. **Our Fathers Have Told Us**: introduction to the Analysis of Hebrew Narratives. (Subsidia Biblica – 13). Roma: Editrice Pontificio Istituto Biblico, 2000.

SKA, Jean L. **Introdução a leitura do Pentateuco**: chaves para a interpretação dos primeiros cinco livros da bíblia. São Paulo: Loyola, 2003.

SKA, Jean L. *Sincronia: L'Analisi Narrativa*. In: SIMIAN-YAOFRE, Horacio. (Ed.). **Metodologia Dell'Antico Testamento**. (Studi Biblici – 25). Bologna: Edizione Dehoniane Bologna, 2009, p. 139-170.

STERNBERG, Meir. **The Poetics of Biblical Narrative**: ideological literature and the drama of reading. Bloomington: Indiana University Press, 1987.

TOMPKINS, Jane P. *An Introduction to Reader-Response Criticism*. In: TOMPKINS, Jane P. (Ed.). **Reader-Response Criticism**: from formalism to post-structuralism. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1980, p. ix-xxvi.

VILLAS BOAS, Alex; GRENZER, Matthias. *A resistência das parteiras (Ex. 1, 15-22): especificidades de uma teologia literário-narrativa*. **Revista da Metodista. Estudos de Religião**, São Bernardo do Campo, v. 29, n. 1, 2015: 129-152.

WELLHAUSEN, Julius. **Israelitische und Jüdische Geschichte**. (de Gruyter Studienbuch). Berlin: Walter de Gruyter, 2004.

YAMASAKI, Gary. **Watching a Biblical Narrative: point of view in biblical exegesis**. New York: T&T Clark, 2007.

YARCHIN, William. **History of Biblical Interpretation: a reader**. Grand Rapids: Baker Academic, 2011.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Análise narrativa 1, 2, 3, 4, 5, 7, 12

Arte paleocristã 45

B

Bíblia Hebraica 1, 4, 5

C

Ciberteologia 16, 21, 22, 26, 27

Comunicação 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 29, 54, 57, 59, 60

Concílio Vaticano II 17, 20, 21, 29, 30, 32, 34, 36, 37, 39, 40, 41, 43, 45, 49, 51

D

Despreconceituosamente 65, 66, 67

Diálogo 4, 9, 19, 24, 26, 27, 29, 30, 31, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 44, 49, 57, 65

E

Era digital 16, 17, 20, 23, 24, 26

Espiritualidade 22, 54, 58

Evangelização 16, 17, 20, 21, 22, 24, 25, 26, 27

Exegese Bíblica 1, 4

H

Hierarquia 29, 31, 33, 48

I

Igreja Católica 16, 22, 24, 25, 26, 29, 30, 31, 33, 35, 37, 38, 39, 40, 42, 44, 66, 67

L

Linguagem imagética 54

N

Narrativa do Êxodo 1

P

Pastoral 16, 17, 21, 22, 23, 24, 26, 27, 31, 35, 38

Povo de Deus 34, 35, 40, 44

Preconceito 68

R

Religião 14, 15, 16, 29, 41, 42, 43, 48, 54, 58, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71

S

Séfora 1, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13

Simbologia 54, 57, 58, 59, 60, 61

T

Tarô 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61

U

Umbanda 60, 65, 66, 67, 68, 69

Religião

e sentido à vida:

Narrativas, histórias, tradições e símbolos

🌐 www.atenaeditora.com.br
✉ contato@atenaeditora.com.br
📷 @atenaeditora
📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br



Religião

e sentido à vida:

Narrativas, histórias, tradições e símbolos

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br

